

## *Eleanor Clarke Slagle*

JÔ BENETTON

RENATA CRISTINA BERTOLOZZI VARELA

No início do século XX, nos Estados Unidos, o desenvolvimento econômico e o Movimento Higienista foram fatores relevantes que, além da evolução tecnológica, permitiram não só a ampliação do mercado de trabalho existente, mas também a criação de novas profissões.

Com a marca dessa época, muitas profissões de saúde foram criadas, por um lado, incentivando a base tecnológica e, por outro, prevendo a ampliação do mercado de trabalho, estendendo-o, inclusive, às mulheres.

As profissões já bem estabelecidas, como a Medicina, passaram por grandes transformações técnicas. Entre as novas providências médicas estava o uso da ocupação terapêutica no tratamento de doentes mentais e deficientes físicos, como forma técnica de buscar a adaptação social, o que viria a resultar na criação da profissão Terapia Ocupacional.

Em SCULLIN (1956), encontramos uma análise das duas principais providências na área da saúde que resultariam na criação da profissão. A primeira, de caráter humanitário, foi a de ocupar pacientes psiquiátricos com a premissa humanitária de que “*o trabalho é o meio essencial para a cura*”. A segunda, de caráter econômico, foi a criação de indústrias hospitalares com o objetivo de suprir custos de internações e usar as oficinas como porta de saída do hospital.

Algumas técnicas de uso da ocupação em Psiquiatria empregadas naquela época, como os projetos de Adolph Meyer – “Tratamento Moral” (Estados Unidos, 1905), Herman Simon – “Terapia Ativa” (Alemanha, 1927) e Karl Schneider – “Ocupação Biológica” (Alemanha, 1936), apesar de usarem diferentes tipos de abordagem, visavam sobretudo a supressão dos sintomas. Essas técnicas, até por serem criadas por psiquiatras, tinham como alvo a doença mental e até hoje influenciam terapeutas ocupacionais, que também têm a doença como seu objeto de estudo.

Em “Trilhas Associativas” (BENETTON, 1999), **Eleanor Clarke Slagle** (1876-1942) é considerada a criadora da profissão Terapia Ocupacional. Slagle, mulher de sua época, por um lado, **demarcou o espaço da mulher profissional terapeuta ocupacional**, através da descrição de uma personalidade a ser plasmada de tal forma a poder ocupar o lugar de terapeuta e, portanto, de uma técnica. Por outro, **desenvolveu um programa de Treinamento de Hábitos**, que constituiu-se como a **primeira técnica de Terapia Ocupacional**, que objetivava uma adaptação social de pacientes portadores de distúrbios emocionais ou deficiências físicas.

Slagle dedicou parte do seu trabalho em descrever a personalidade ideal de uma terapeuta ocupacional, que correspondia àquela de uma mãe de criança no período pré-escolar: bondade infinita, paciência, imaginação, capacidade de explorar o mundo de fantasia da criança e conduzi-la à realidade quando necessário. A idéia do que ocorre com a uma criança em termos de desenvolvimento (aquisição de hábitos, sentido de autonomia, formação de auto-conceito, estabelecimento de relações, aquisição de responsabilidades, entre outros) da criança da idade pré-escolar em diante, foi um dos elementos que sustentou teoricamente a técnica Treinamento de Hábitos proposta por Slagle (SPACKMAN & WILLARD, 1973).

Slagle recebeu uma forte influência do que tem sido denominado de “terapia ocupacional num modelo médico”. No entanto, **introduziu** sutilmente, em seu projeto de intervenção, **alguns aspectos que fazem diferença hoje**. Slagle criou a técnica Treinamento de Hábitos para pacientes que estavam muito doentes. Teve ela, então, que prever uma forma de abordagem constituída pela observação/captação de qualquer indício de atitude e/ou conduta saudável que possibilitasse a motivação de uma nova ação, mesmo que muito pequena. Por isso, eram tão importantes as condições

do ambiente, da terapeuta ocupacional e as recreações, dentro de um programa bem balanceado de hábitos de trabalho, descanso e lazer.

Slagle, portanto, preocupou-se tanto com a forma de mobilizar o paciente, como a de ensinar atividades e, pelos mesmos motivos, estabeleceu um treinamento para as terapeutas ocupacionais, visando um relacionamento positivo com os pacientes.

Em SPACKMAN & WILLARD (1973), encontramos o seguinte registro sobre a filosofia da reabilitação defendida por Slagle:

*“Em sua maior parte, nossas vidas são construídas por hábitos e a ocupação usualmente curativa serve para suplantando alguns hábitos, modificar outros e construir novos para que, ao final, as reações de hábitos sejam favoráveis à restauração e manutenção da saúde”.*

Ela não falava em doença ou reação à doença, mas numa **reação aos hábitos**. Sua problemática era a saúde, os hábitos saudáveis e a formação de uma relação salutar e nisto o seu projeto difere, e muito, dos autores médicos. É justamente por isso que é considerada nos Estados Unidos **a precursora da terapia ocupacional dinâmica** e teve o seu projeto lá utilizado até 1959.

## Biografia

Eleanor Clarke Slagle nasceu em Hobart, New York, em 13 de outubro de 1876. Filha de um importante arquiteto, William J. Clarke, foi educada no colégio Claverack da Universidade da Colúmbia.

Prima de Theodore Roosevelt e amiga pessoal de Eleanor Roosevelt, como esta interessava-se por causas filantrópicas e sociais. Casou-se com o sr. Slagle e pouco se sabe sobre sua relação no casamento.

Estudante de Auxiliar de Enfermagem, concluiu, em junho de 1911, o curso sobre Ocupação e Recreação Curativa para atendentes e enfermeiras hospitalares da Escola de Educação Cívica e Filantrópica de Chicago. Este curso, criado em 1908, foi o primeiro treinamento específico para ensinar o uso de ocupações curativas e recreativas nas ações de saúde. Com duração de seis semanas, era ministrado por Julia Lathrop, sob a direção de Graham Taylor.

Ainda em 1911, Slagle conduziu um curso similar no Hospital Estadual de Newberry, em Michigan. Foi através do trabalho que desenvolveu em Michigan e em Maryland, que ela se associou a Adolph Meyer e William Rush Dunton, fortalecendo, assim, a “filosofia da ocupação” (CROMWELL, 1977).

Entre 1913 e 1914, Slagle foi para a Philipps Psychiatric Clinic, em Baltimore. Nesta clínica, ministrou cursos sobre ocupação para grupos de enfermeiras do Hospital John Hopkins e, utilizando conceitos desenvolvidos por Meyer, Julia Lathrop e Jane Adams, desenvolveu seu programa educacional de para tratamento com atividades e denominado de – **Treinamento de Hábitos**. Esse programa orientou, por 25 anos, a assistência e o ensino de Slagle nos institutos e escolas da recém-criada profissão - **Terapia Ocupacional**.

Importante ressaltar que, até 1914, o uso da ocupação com fins assistenciais recebia diferentes nomeações: Tratamento Moral, Tratamento do Trabalho, Terapia do Trabalho, Tratamento da Ocupação, Reeducação Ocupacional e até de Ergoterapia. Foi em dezembro de 1914, num encontro de trabalhadores hospitalares com a Coordenadoria Estadual da Insanidade de Massachusetts realizado em Boston, que o arquiteto George Edward Barton sugeriu o termo “**therapy of occupation**”. Em seguida, alterou sua sugestão, enfocando a qualificação da ‘terapia’, ao invés da ‘ocupação’, daí resultando em - **Occupational Therapy**.

Em 1917, a partir da fundação da Sociedade Nacional para a Promoção da Terapia, a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA) foi criada, com a participação de Eleanor Clarke Slagle, William Rush Dunton, Thomas Kidner, Susan C. Johnson e George Barton (SCULLIN, 1956).

Também neste ano, Slagle foi convidada pela Comissão Militar Hospitalar do Canadá para visitar e observar o trabalho em Hospitais Militares e fazer recomendações para extensão da Terapia Ocupacional na Universidade de Toronto.

Entre 1918 e 1922, aceitando um convite feito pelo Departamento Ocupacional da Sociedade de Higiene Mental de Illinois, foi diretora do primeiro curso para Treinamento Profissional de Terapeutas Ocupacionais, que era de responsabilidade da Chicago School of Civic and Philanthropy em cooperação com a Henry B. Favill School.

Este curso, descrito por CROMWELL (1977), destinava-se a pessoas que deveriam dirigir outros departamentos semelhantes. A filosofia do programa era substituir a idéia custodial pela educativa no cuidado diário do doente mental. As técnicas ensinadas eram semelhantes aos dos educadores infantis. Através de pinturas, jogos e exercícios, incentivavam o uso integrado do corpo e da mente. Além disso o curso incluía leituras sobre o valor educacional das ocupações, do trabalho, dos jogos e das atividades de vida

diária, tendo em vista a necessidade de estimular o doente mental para se ocupar, se educar e se divertir.

Segundo a teoria defendida por Meyer, algumas desordens mentais estavam relacionadas a conflitos decorrentes de uma pobre adaptação ao meio e, nessas condições, o treinamento em atividades normais e o desenvolvimento de interesses produtivos poderiam trazer novas perspectivas para além do hospital.

Como diretora, Slagle aplicou seu conhecimento acadêmico e de trabalho social, seu curso de estudos em ocupações e sua experiência de trabalho com doentes mentais, para um programa que foi inicialmente desenvolvido para doentes mentais. Uma grande demanda social e médica determinou a extensão imediata desses programas para pacientes de outras clínicas. Dessa forma, o ensino da primeira escola de Terapia Ocupacional foi ampliado abarcando a assistência a doentes mentais e físicos como: pacientes hospitalizados, soldados desabilitados e crianças em idade escolar com distúrbios de aprendizagem.

O curso incluía:

- ensino de princípios médico, fisiológico, psicológico e sociológico;
- arte, desenho e recreação física;
- princípios de administração, organização e gerência.

O curso tinha duração de 5 meses e era dividido em duas partes:

- 1ª PARTE: Teoria e Treinamento Técnico na Escola.
- 2ª PARTE: Trabalho Prático em Instituições Estatais ou Hospitais Urbanos.

O ensino técnico acontecia pelas manhãs e as leituras, à tarde, nas clínicas-escola, por 8 a 10 horas por semana. Cada estudante dispunha de um período de 2 a 3 horas por semana para ser supervisionado em instituição selecionada.

A leitura incluía: Administração de Instituições de Caridade; Atividades Médicas relacionadas ao Serviço Social; Higiene Industrial e Pública; Princípios dos Casos de Trabalho; Psicologia da Brincadeira; Princípios Psicopatias; Tratamento Ocupacional e Recreativo; Direção e Organização Hospitalar.

O estudo das técnicas incluía dentro do Treinamento de Hábitos: Cinesiologia; Danças Folclóricas; Ginásticas; Jogos; Trabalhos Manuais; Organização de Departamentos de Ocupação e Recreação.

Através de sua função no Departamento de Higiene Mental no Estado de Nova Iorque, onde foi diretora da

Terapia Ocupacional de 1921 a 1942, Slagle continuou a desenvolver e expandir a aplicação dos conceitos da profissão. Foi nessa instituição, que ela demonstrou todo seu interesse em desenvolver pesquisas e estudos, conduzindo uma equipe que chegou a ter 255 funcionários, em 1941. Tornou-se, então, a diretora administrativa do maior serviço de Terapia Ocupacional até hoje conhecido.

Simultaneamente a essas atividades desenvolvidas em Nova York, além de participar de sua criação, Slagle contribuiu vigorosamente para o desenvolvimento da AOTA, desempenhando importante papel na promoção de pesquisas e desenvolvimento da profissão. Se aposentou das atividades de liderança da AOTA em 1937, mas manteve-se como referência por mais 20 anos, sendo nomeada presidente honorária.

Vários autores americanos escreveram sobre a personalidade de Slagle. CROMWELL (1977), ao tentar reconstruir um retrato de Slagle, baseia-se em seu comportamento como administradora, planejadora e organizadora/líder, figura pública e privada, descrevendo:

“uma mulher impressionante, que literalmente construiu um império através de sua crença em terapia ocupacional e sua astúcia política, alcançando o controle sobre os comissionários do Estado de Nova York para apoiar seus projetos.”

“Ela era uma mulher bonita, com grandes olhos azuis e cabelos levemente grisalhos, cerca de 1,70 m de altura; conservadoramente vestida para ambas atividades: profissionais e sociais.”

“Ela era abençoada com um dos maiores e melhores dons femininos: uma voz suave e agradável.”

“Ela era uma pessoa dominadora, devota à causa da terapia ocupacional e dedicava uma imensa quantidade de tempo e energia a isto.”

“Ela tinha uma grande quantidade de amigos íntimos na AOTA, que eram os seus ‘escravos’.”

“Ela tinha um ‘calcanhar de Aquiles’ que a fazia ficar desconfiada de qualquer pessoa que discordasse dela. Isso fazia dela uma pessoa humana, mas que necessitava ser tratada com cuidado para que ela não desenvolvesse preconceitos fortes, com os quais não era fácil lidar.”

“Indubitavelmente, ela fez mais para estabelecer e desenvolver a terapia ocupacional do que qualquer pessoa, então, seu lugar na história deve ser um bem alto.”

“Ela era inquestionavelmente graciosa e charmosa, com grandes princípios, com uma força dinâmica indomável, mas que ao mesmo tempo criava um grau de ressentimento em suas formas ditadoras.”

“Em termos maiores, ela era uma grande pessoa, cuja fraqueza era sobreposta pela força e muitos de nós não pudemos dar a ela tanta ajuda quanto deveríamos ter dado.”

Segundo PELOQUIN (1991), Slagle era citada, em artigos escritos em 1939, como uma mulher ocupada, com senso de humor e astúcia, que aplicava incansáveis esforços em enriquecer a prática da Terapia Ocupacional, incluindo as seguintes descrições sobre suas participações em reuniões:

“uma pessoa que não era informal”

“uma incrível autoridade em terapia ocupacional”

“uma boa amiga e pessoa maravilhosa”

“severa e séria, mas com sorriso agradável”

“impressionante, dava ordens aos seus funcionários como a uma operação militar”

“extremamente exigente e espectadora dos esforços alheios para alcançar seus próprios esforços”

“dedicada e trabalhadora”

“ela nunca foi referida como ‘Eleanor’ mesmo em correspondência pessoal, sempre como Sra. Slagle”

“relutante em sua perseverança no estudo para a base de nosso crescimento”

“extremamente sensível às alianças públicas que ajudavam o crescimento da terapia ocupacional”

Sua equipe de trabalho foi descrita como composta por funcionários amedrontados, dos quais se esperava perfeição em suas tarefas. Slagle tinha uma postura de gerente e gostava de dizer aos jovens funcionários: “Levante-se e os encare. Não relute!”

Ainda segundo PELOQUIN (1991), alguns profissionais que se relacionavam com Slagle a descrevem como uma pessoa rígida e intolerante; outros, revelam que, além de possuir uma rica sabedoria profissional e profundos conceitos, dava grande importância aos amigos.

Para SPACKMAN & WILLARD (1973), Slagle representava a personificação do humanitarismo dos anos 20, e de certa maneira, era considerada “*uma espécie de militante, uma mulher agressiva e imaginativa*”.

Quando seu estado de saúde começou a se agravar, ela revelou seu carinho, gratidão e afeição por aqueles que eram primordiais em suas necessidades. Durante seu último ano de vida, parte do tempo, continuou trabalhando como diretora dos programas de Nova York.

Slagle morreu em 18 de setembro de 1942, em Tarrytown, e foi enterrada em Hobart, sua cidade natal. O “The New York Times” publicou um grande obituário.

Durante os anos de 40 e 50, foi referenciada de forma honrosa por diversos participantes da AOTA e em diversos encontros profissionais, sendo sempre reconhecida como “*aquela que deixou muito*”.

## Referências Bibliográficas

- ASSOCIATION NATIONALE FRANÇAISE DES ERGOTHERAPEUTES. *Ergothérapie: Guide de Pratique*. Septembre, 2000.
- BENETTON, M.J. *Trilhas associativas: ampliando recursos na clínica da psicose*. Diagrama&Texto/CETO, São Paulo, 1999.
- BENETTON, M.J. *A terapia ocupacional como instrumento nas ações de saúde mental*. Tese de doutorado, Campinas, 1994.
- BENETTON, M.J.; GOUBERT, J.-P. *Ergothérapie e Terapia Ocupacional: um Estudo de História Comparada entre França e Brasil (1960-2000)*. Relatório Parcial de Pesquisa financiada pela FAPESP. Dezembro, 2000.
- CROMWELL, F.S. *Eleanor Clarke Slagle, the Leader, The woman – in retrospective on the 60<sup>th</sup> anniversary of the founding of the AOTA*. The American Journal of Occupational Therapy. November-December 1977, Volume 31, No. 10, p. 645-8.
- PELOQUIN, S.M. *Occupational Therapy Service: Individual e Collective Understanding of the Founders, Part 2*. The American Journal of Occupational Therapy. August, 1991, Volume 45, No 8, p.733-44
- SCULLIN, V. *História da Terapia Ocupacional*. In: \_\_\_\_\_. Occupational Therapy Manual For Personnel in the New York Department of Mental Hygiene. Albany, 1956. Cap.2, p.9-18. Traduzido pelo Centro de Estudo em Terapia Ocupacional, São Paulo, 1975.
- SIMON, H. *Tratamento Ocupacional de los Enfermos Mentales*. Sahat Ed., Barcelona-Buenos Aires, 1937.
- SPACKMAN, C.S. & WILLARD, H.S. *Terapêutica Ocupacional*. Editorial JUMS, Barcelona, 4 edição, 1973.
- W.F.O.T. *Standards for Education of Occupational Therapists*, 1971.